

“Um Certo Planeta Luíza”



Luíza de Teodoro acredita que escola é um local onde aprende-se a se relacionar consigo mesmo, com o mundo, com a realidade.

brincadeira. A rigidez do pai a obrigou a transferir a infância para a escola. Os livros sempre foram companheiros e a leitura para ela sempre teve uma "conotação de afeto".

Na adolescência descobriu os grupos católicos e a política. De alma profundamente revolucionária, embora nunca tenha aceitado se filiar a nenhum partido de esquerda, porque não tinha nada a ver com a maneira de encarar a vida, Luíza de Teodoro fez parte da JEC (ramo secundarista da Ação Católica) e da JUC (Juventude Universitária Católica). Esses grupos católicos de evangelização contribuíram, segundo Luíza de Teodoro, para seu amadurecimento enquanto pessoa e profissional da educação.

A religião, para ela, corresponde a uma necessidade. A liturgia e o canto gregoriano fizeram de Luíza uma pessoa mística. A força e a garra para continuar na batalha do dia-a-dia vêm dessa sua profunda fé em algo superior que rege o Cosmos. Luíza de Teodoro sabe conciliar todos os aspectos da vida com uma verdade única, verdade que a ensinou a ser feliz.

A crença em uma verdade divina, no entanto, não conseguiu evitar que Luíza de Teodoro fosse alvo de inveja e mesquinhas, sentimentos que provinham até dos próprios colegas de profissão, que não concordavam com suas idéias pedagógicas. Na época da ditadura, ela chegou a responder a vários interrogatórios. Sorte ou proteção divina, Luíza nunca sofreu maltratos físicos ou teve a vida profissional e pessoal maculada. “Eu tenho uma fé muito infantil mesmo, dessa de segurar na mão de Deus”.

“Um Certo Planeta Azul” é uma dádiva da dedicação de Luíza de Teodoro à Educação. Com a intenção de proporcionar ao estudante pobre uma forma de integrá-lo ao mundo, tal cartilha veio para modificar o quadro-negro da educação no Estado. Não foi utilizado devidamente, mas isso não parece abalar Luíza. Ela acredita que as histórias nunca irão morrer, porque sempre haverá narradores, sempre haverá um contador de histórias. Como a própria Luíza faz nesta entrevista.

Entrevista com a professora Luíza de Teodoro Vieira, dia 11/11/93.

Produção: Mauro Costa, Roberta Manuela Barros e Ana Paula Farias

Abertura: Luciana Rabelo

Edição e Texto

Final: Mauro Costa, Roberta Manuela

Participação: Ana

Paula Farias, Ana Maria Xavier, Karine Rodrigues, Djane Nogueira, Maurício Lima, Roberta Manuela Barros, Luciana Rabelo, Christine Meireles, Carla Soraya Florêncio, Leonardo Pinto, Luziania Xavier, Eleuda de Carvalho, Cristiane Parente e Mauro Costa.

Foto: Jarbas Oliveira

Universal. É assim que podemos definir a professora Luíza de Teodoro Vieira. O jeito simples e tranqüilo de ser não revela o espírito de luta que, durante anos, ajudou a construir uma esperança para a Educação no Ceará. O caminho no magistério tem sido coroadado de êxitos e respeito. Competência, dedicação e paixão não lhe faltam. Aliás, desde a juventude que ela tem trilhado a estrada árdua e espinhosa do ensino com bastante determinação. E coragem. Muita coragem para iluminar de sabedoria a vida.

Luíza de Teodoro, filha única de um jornalista e de uma professora, acredita que deve tudo o que é a sua avó Rosinha. Não que não fosse querida pelos pais, mas dona Rosinha era a “fiel da balança”, a pessoa que aliviava o campo de disputa entre os pais pelo bem-querer da filha. Assim, a menina Luíza cresceu ouvindo histórias do sertão, canções do Ceará, através das palavras mágicas da avó. “É uma presença muito forte na minha vida”.

Foi aluna aplicada e interessada. Aluna-prodígio, como Luíza mesma faz questão dizer. Se para certas pessoas o estudo se constitui em simples obrigação, para Luíza sempre foi uma gostosa



Atualmente, Luíza faz parte do projeto Universidade sem Fronteiras, onde leciona "História da Cultura Ocidental"

Luíza de Teodoro destaca-se por sua seriedade, competência profissional e lucidez de idéias no campo educacional.

Apesar de seu jeito sério, Luíza demonstrou durante a entrevista um senso de humor fino, inteligente e sa-gaz.

Entrevista -- Nós gostaríamos de saber mais um pouco do seu trabalho, que conhecemos apenas como professora. Para começar, gostaríamos de saber também como foi a vida da menina Luíza Teodoro, a sua infância, o período junto com sua família.

Luíza -- Eu sou filha única de um casal onde meu pai era uma pessoa que tinha uma história muito interessante. Ele tinha sido um emigrante do Ceará e passou a juventude toda nas matas da Amazônia. E lá ele conseguiu -- não sei como, não tive tempo de entrevistá-lo --, mas, o fato é que, quando voltou da Amazônia, depois de ter passado anos e anos num seringa, fundou um jornal aqui em Fortaleza, chamado *O Imparcial*. Foi um jornal pequeno, onde ele era o diretor, ele era o repórter, ele era o vendedor, ele era o impressor. Nesse tempo era aquela impressão de tipos móveis, aqueles tipinhos de chumbo. Quando eu dei conta de mim, ele não era mais jornalista, mas ainda tinha os tipos, ainda tinha a velha mania de ter sido tipógrafo do jornal. Meu pai foi assim o típico autodidata, um homem extremamente inteligente, extremamente bem-informado e extremamente politizado. Pelas histórias que ele e minha mãe me contavam, ele foi tão politizado que os poderes da época empastelaram duas vezes o jornal dele, quer dizer, quebraram tudo naquelas querelas dos governos cearenses. E também porque ele ficou dos lados dos liberais na Revolução de 30. Depois ele ficou profundamente antigetulista, mas em 30 ele teve que somar com Getúlio por causa das convicções dele. meu pai chamava Teodoro Vieira. *O Imparcial* tá todo microfilmado aí no Arquivo Público. Minha mãe era uma pessoa de

“O começo de eu gostar de História com H maiúsculo é a minha avó... Contando as histórias do Ceará. Cantando as canções antigas.”

outro tipo de inteligência, uma inteligência mais prática. Era a pessoa que botava os pés no chão. Meu pai, depois que deixou de ter o jornal, nunca mais teve uma ocupação fixa. Vivía pegando bicos, né? E minha mãe é que segurava mesmo a estrutura da

casa. Ela era professora primária, quando eu nasci e fui criança, e depois passou a ser funcionária da secretaria de Educação. É essa a dupla que acompanhou minha infância e mais a minha avó, que acho que foi a presença mais forte, afetivamente falando. Não que meus pais não fossem afetuosos -- eram até demais, porque esse negócio de filha única, você fica afogada de bem-querer. Mas também ao mesmo tempo você é um campo de luta, porque pai e mãe disputam a preferência. E minha avó era assim o fiel da balança. Era a pessoa estável, era quem me contava história. Minha avó é a minha história, né? Tudo que eu sei do Ceará e do sertão... Eu acho que o começo de eu gostar de História com H maiúsculo é a minha avó. Ela que ficava em casa, minha mãe trabalhava, meu pai também, e ela fazendo renda e cantando as histórias do Ceará. Cantando as canções antigas, as coisas do Sertão... Nunca deixou de ser sertaneja! Viveu até 95 anos, e desses a maior parte foi passada na cidade, mas ela era profundamente rural, na maneira de falar, nas memórias, na filosofia de vida, é uma presença muito forte na minha vida, a Rosinha...

Entrevista -- Como era o nome dela?

Luíza -- Rosa. Maria Rosa de Sena. Rosinha.

Entrevista -- Ela era sua avó materna?

Luíza -- Ela funcionava como minha avó. Na verdade, ela era irmã mais velha do meu pai. Os pais do meu pai tinham tido dois casamentos, mas ela era tão mais velha que quase funcionou como mãe dele, sabe? Então, eu me habituei a essa história de avó. Se for atrás assim da genealogia não era, mas, de fato, o que uma avó significa para uma criança ela era.

Entrevista -- A menina Luíza Teodoro iniciou seus estudos como?

Luíza -- Estudos assim organizadamente falando eu iniciei no Grupo Escolar José de Alencar, que era uma escola que funcionava vizinho ao Theatro. Aquela casa onde hoje é construído o anexo do Theatro, que depois foi Faculdade de Medicina. Ela começou como grupo escolar. Mas quando eu fui para o grupo escolar, eu tinha cinco anos e meio e já sabia ler. Porque sempre meu pai leu muito. E minha mãe também. E, sobretudo, meu pai leu muito pra gente ouvir. Então, leitura, pra mim, sempre teve essa conotação de afeto, de diversão. E eu não sei dizer desde quando eu sei ler, e desde quando eu leio. Quando eu entrei na escola era um espanto,

porque eu era muito miudinha, muito magrinha, muito pequenininha, e eles não sabiam em que classe me botar. Porque era pra ser Alfabetização, mas eu já era alfabetizada e não tinha nem seis anos de idade, já tinha sido uma concessão.

Entrevista -- A senhora se considerou uma boa aluna?

Luíza -- Ah, minha filha, eu fui dessas alunas-prodígio, de primeiro lugar de ponta a ponta. Eu era pra ser um monstro! (risos).

“Minha vida escolar eu me lembro muito é de brincar. Mais do que estudar... Estudar para mim era brincadeira. Sempre foi”

Entrevista -- E como foi seu período de alfabetização. A senhora poderia detalhar lembranças, professores...

Luíza -- Engraçado. Uma das minhas primeiras professoras parece que ainda vive. É incrível isso. Dona Nilda Sidou. Sempre estudei em escola pública, sempre. Todo o curso primário e depois a universidade também. E saí do Grupo Escolar José de Alencar para a Escola Normal. E lá eu fiz o resto do meu curso. E, sabe, eu fui muito criança mesmo. Minha vida escolar era muito de brincar. Mais do que de estudar. Inclusive estudar pra mim era brincadeira. Minha vida escolar eu me lembro muito é de brincar. Sempre foi. Eu não me lembro de ficar em casa fazendo dever -- devia fazer, que eu tirava dez em tudo. Mas não me lembro dessa coisa de escola como trabalho. Era um lugar agradável porque lá em casa meu pai era meio rígido. Então eu não brincava com vizinhos. E escola era o lugar de brincar. Eu me lembro muito mais do recreio (risos) do que de sala de aula. No Primário, né? Depois eu fiz exame de admissão e já no Ginásial -- nessa época fazia-se cinco anos de primário, fazia-se um exame de admissão e tinha quatro anos de Ginásial. Aí realmente é o tempo das grandes amizades, que muitas delas perduram até hoje. Aí eu me lembro de professores, de como eu gostava de estudar Latim, com o professor Muniz Sobreira, Português, com o professor Valdivino. E como eu detestava aula de Matemática, isso é uma marca da minha geração, né? E uma perda lamentável, eu nunca aprendi a Matemática que gos-

taria de ter aprendido. Mas uma vez eu acho que a lembrança maior da escola é essa coisa de amizade, sabe? E uma coisa curiosa, que eu tava pensando um dia desses: eu vivi todo meu Ginásio com colegas -- era exclusivamente feminino -- muito mais velhas e sempre houve assim... Éramos duas pessoas bem novas: eu e a

“Uma das minhas grandes paixões artísticas é esse ritual da Igreja... Não é apenas a coisa formal... mas o sentido profundo disso.”

Maria Lúcia... Hoje se chama Maria Lúcia Rocha, esposa do diretor do Colégio Christus. Nós somos da mesma idade, quer dizer, um mês de diferença, e nós éramos as crianças da classe. E nossas colegas, que namoravam, que conversavam aqueles assuntos assim, elas se calavam quando a gente chegava. Era a coisa mais engraçada, né? E davam bonecas a gente, de presente. Nós terminamos o Ginásio crianças mesmo. Sempre foi uma coisa muito sem esses traumas de adolescência, que descobriu isso, descobriu aquilo. Eu acho que a minha ida tem sido muito suave, as fases têm passado muito suavemente. Depois eu fiz o Curso Normal -- e aí eu acho que a escolha de ser professora era quase que inevitável. Nessa época não havia muitas carreiras pra mulheres. E a minha mãe, ela tinha deixado de ter sala de aula, mas ela curtiu muito essa história de ser professora. E desde que eu me entendo, uma das minhas brincadeiras era coisa de ser professora de bonecas, brincar de escola. E também acho que o que estava ao alcance da mamãe, como tipo de emprego pra conseguir, já que ela secretária de Educação, era conseguir uma cadeira num grupo escolar. Então, continuei na escola pública, aí já professora.

Entrevista -- *A senhora não acha que o contato com pessoas mais velhas influenciou de alguma forma a sua maturidade?*

Luiza -- Eu acredito que sim. Porque eu tive muito contato com meus pais. Meu pai era um intelectual, minha mãe não era uma intelectual, mas era uma pessoa que gostava

muito de ler também. Minha avó era analfabeta - eu até tentei, depois, ensiná-la a ler mas não consegui mais. Acredito que isso tenha tido influência. Mas eu também tive uma coisa que eu acho muito importante na minha vida que a partir dos 15 anos eu passei a pertencer a grupos, a um grupo estudantil que existia, ainda existe, não sei, uma organização chamada Ação Católica. É uma instituição da Igreja feita pra evangelização da sociedade. Então, aos 15 anos eu entrei na JEC (*Juventude Estudantil Católica*). Pra mim foi uma coisa muito boa, porque minha família era católica. Meu pai se dizia livre-pensador mas ia à missa todos os domingos. E sobretudo ele me fez uma coisa que considero maravilhosa: ele me levava a todas as cerimônias que então havia na Igreja Católica, que eram as cerimônias do rito antigo, da liturgia que ainda tinha vindo da Idade Média, da liturgia gregoriana. Até hoje uma das minhas grandes paixões artísticas é esse ritual da Igreja, que é riquíssimo, porque não é apenas a coisa formal -- que é muito bela, o canto gregoriano --, mas também o sentido profundo disso. Isso sempre respondeu a uma necessidade minha. Eu sou realmente uma pessoa muito mística.

Entrevista -- *Foi aí nesses ritos da Igreja que começou sua paixão pela música?*

Luiza -- Eu não sei. A mamãe cantava muito. Meu pai também, embora fosse profundamente desafinado. Mas a mamãe era afinada, tocava violão. A Rosinha cantava muito as coisas do sertão. Cantigas antigas, conto, fandango, boi. Eu cresci com música. Claro que nós não tínhamos recursos, nós éramos classe média... É engraçado isso! Nós éramos uns pobres engraçados. A gente não tinha dinheiro. Mas quando tinha dinheiro, comprava o que tinha de melhor, entende? Então, não era assim essa cabeça de pobre. Eventualmente a gente não tinha dinheiro, mas, quando tinha dinheiro então tinha uma cabeça assim de classe média, de procurar o melhor. Nós íamos a teatro... Desde que eu me entendo que eu vou a cinema. Um dos bicos do meu pai foi censor de cinema. Naquela época existia isso. Ele era encarregado de evitar que meninos entrassem nos filmes que eram impróprios até dez anos e tal. Agora eu entrava sempre, né? Eu me criei dentro de cinema. Me criei em teatro. No tempo da Guerra, na Europa, muitas companhias teatrais vieram ao Brasil, se refugiaram, e davam espetáculos não apenas no

Theatro José de Alencar, como também um cinema que existia no Centro da cidade, chamado Majestic, que era um cinema-teatro. Tinha um palco muito bom. E eu me lembro de companhias de óperas que deram espetáculos em Fortaleza. E tudo isso, toda essa vida cultural, meu pai participava, minha mãe participava

“Eu nunca me senti solitária... Era uma coisa boa... Sair da convivência do coletivo para convivência comigo... através da leitura.”

e me levavam, né? Depois, na adolescência, havia os programas de auditório. PRE-9, que era a rádio. Aí meu pai já não gostava, mas eu e minha mãe íamos sempre. Grandes artistas, Orlando Silva, Ângela Maria, esse pessoal todo da época... A gente tava lá, nos auditórios das rádios. Então, a música veio comigo a vida toda.

Entrevista -- *A senhora conviveu na sua casa e na sua infância com, digamos assim, duas formas culturais muito importantes. Uma forma mais erudita, através do seu pai, que era um livre-pensador, um jornalista, e através da Rosinha, que trazia uma outra cultura, uma outra história...*

Luiza -- Que a gente chamaria hoje a cultura popular.

Entrevista -- *Exato. Como é que a senhora foi casando na sua cabeça, na sua inteligência, no seu modo de vida, essas duas visões de mundo, essas duas culturas, essa duas artes?*

Luiza -- Menina, eu não sei, não. Como eu disse pra você, tem muita coisa intuitiva na minha vida. Eu não me lembro de nunca ter dentro de mim criado conflito entre essas...

Entrevista -- *Nem nunca deu uma prevalência a uma dessas coisas em detrimento de outra?*

Luiza -- Não. Porque o que a gente chamaria o popular era o meu amor maior. Na verdade eu gostava mais da minha avó do que mesmo dos meus pais. Mas as coisas que eram proporcionadas através de meu pai, essa coisa de leitura, também era



De personalidade discreta e reservada Luiza acha desnecessário falar de sua vida privada. Prefere falar de seu trabalho.

Quando ensinava no colégio Christus, ainda na época da ditadura, deixava seus alunos a sós na sala de aula durante as provas.

Apesar de ter sido considerada a comunista oficial da cidade, Luiza nunca chegou a ser presa, mas respondeu a muitos interrogatórios.



A paixão pela música fez de "Um Certo Planeta Azul" um livro cujos capítulos podem, segundo Luiza, "até ser cantados".

Num debate com o filólogo Antônio Houaiss, Luiza defendeu a regionalização das cartilhas escolares. Foi aplaudida de pé.

Nas duas horas de entrevista, Luiza falou de sua infância, das grandes amigas, dos projetos de educação, de vida e amor.

profundamente apaixonante. E eu também toda vida gostei de ler. Na minha casa eu ficava muito só e gostava disso. De inventar brincadeiras, de inventar histórias com minhas bonecas e de ler. Não sei se porque eu sempre tive essa coisa da escola, que era um grupo. Eu nunca me senti solitária. Pelo contrário. Pra mim era uma coisa boa mudar, sair da convivência do coletivo pra convivência comigo, através da brincadeira, através da leitura.

Entrevista -- Quando foi que a Luiza Teodoro começou a ensinar?

Luiza -- Quando terminei a Escola Normal eu ainda não tinha feito 18 anos. Então, como eu não podia ser nomeada professora eu trabalhei numa escola de... Nesse tempo a cidade era bem menor e a minha casa, que hoje é Centro, ela ficava perto da periferia. Minha mãe alugou uma sala e eu dei aulas pra crianças de bairro. Eu não me lembro muito bem disso, não. Só me lembro que gostava muito, que as crianças levavam muita flor pra sala de aula, que a gente fazia brincadeiras e tal. Quando eu completei 18 anos, fui nomeada professora-substituta. Comecei a ensinar numa escola que ficava perto da minha casa, funcionou numa coisa que até hoje existe: Associação dos Merceeiros. Lá eu passei algum tempo, uns dois anos, e fui pra o Grupo Escolar Visconde do Rio Branco, onde eu passei 30 anos ensinando no que hoje se chama Primeiro Grau.

Entrevista -- Sempre em escola pública ou a senhora ensinou em escola particular?

Luiza -- É, eu também ensinei em escola particular porque quando eu comecei a trabalhar e passei da JEC, que era o grupo estudantil, pra JUC (*Juventude Universitária Católica*) - entrei na faculdade - e conheci pessoas diferentes. Conheci, por exemplo, o professor Roberto Carvalho Rocha, que tinha chegado dos Estados Unidos, era ex-seminarista. E ele então tinha a idéia de fundar uma escola. E então, ele, eu, a atual esposa dele que era essa minha colega de infância, Maria Lúcia, e outras amigas, nós fundamos esse que hoje é um grande colégio. Grande não sei se qualitativamente, mas pelo menos é uma grande empresa educacional, chamada Christus. No início era uma escola pequena e durante oito anos foi um trabalho muito entusiasmante, né? Éramos amigos e fazíamos um trabalho diferente. Era uma escola cujas propostas eram novas pra cidade. Foi muito interessante. No mo-

mento em que eu comecei a perceber que a coisa ia se dirigindo pra o que hoje geralmente é a escola particular - uma grande empresa onde o lucro é a coisa mais importante, mais importante do que a educação -, aí eu saí do Christus e passei a ensinar num outro colégio particular, também de muito bons propósitos, o colégio do professor Lauro de Oliveira Lima, o Agapito dos Santos. Lá eu ensinei até 64. Em 64 eu ensinava no Agapito dos Santos e era professora pública, mas tinha sido chamada pelo governador Virgílio Távora pra organizar uma coisa que foi muito importante na época, um trabalho pioneiro desse grande estadista que foi Virgílio Távora. Ele fundou uma assessoria de educação que curiosamente, não, deliberadamente -- isso aí mostra um pouco do que era o Virgílio Távora -- ele convidou pra essa assessoria, que seria responsável pela reforma do ensino no Estado, todas as pessoas dessa assessoria eram de oposição.

“Imaginávamos que uma escola - eu ainda imagino - deva ser isso: um lugar onde as pessoas, acima de tudo, aprendam o gosto do saber.”

Porque, aí vem uma história anterior, meu pai sempre foi um político de oposição. Meu pai era daquele tipo *Hay gobierno, soy contra*. Então, eu sempre fui do que a gente chamaria esquerda, principalmente nessa década de 60, que nós da JUC estávamos fundando a Ação Popular. Eu, Betinho (*Herbert de Souza, sociólogo*), esse pessoal todo. Tínhamos fundado o braço político da JUC, que por sinal a Igreja ficou profundamente insultada com isso, porque dizia que nós estávamos nos convertendo ao marxismo, e ela nos tirou da JUC. Oficialmente nós deixamos de pertencer aos quadros paraeclesiais. Então, nessa época eu tinha uma militância realmente de esquerda. E, apesar disso, eu fui chamada com todo o conhecimento de causa, tive uma conversa muito séria com o governador e vários outros companheiros da mesma linha. E ele disse que o que interessava a ele era competência, e sabia que nós éramos competentes. Eu dirigi essa assessoria. Quando o golpe foi dado, eu estava afastada da sala de

aula da escola pública e estava na assessoria. Naquela época as pessoas todas que eram militantes de esquerda foram profundamente perseguidas. E eu devo o fato de não ter perdido meu ganha-pão à grandeza do governador Virgílio Távora. Ele não cedeu às pressões, que queriam que a gente fosse simplesmente demitido do Estado. E ele dissolveu a assessoria, pra que nós não perdêssemos nossos empregos. Então, nós todos voltamos. Alguns eram professores da universidade, voltaram pra universidade, e eu voltei pra minha cadeira de Primeiro Grau. Mas o colégio particular - que nessa época o professor Lauro de Oliveira Lima também estava preso e já estava em outras mãos - não teve coragem de me segurar. Passei a ser perigosa. Tive que deixar o colégio Agapito dos Santos. Continuei só com a minha escola de Primeiro Grau.

Entrevista -- Como se deu esse conhecimento, essa amizade com Virgílio Távora?

Luiza -- A partir desse convite pra trabalhar na assessoria de educação.

Entrevista -- A iniciativa foi dele.

Luiza -- Foi. Ele tomou informações e convidou as pessoas que eram consideradas competentes na cidade. E não por coincidência eram todas esquerdistas.

Entrevista -- Quem eram essas pessoas?

Luiza -- Por exemplo, o professor Eduardo Diatáhy, vocês conhecem. O professor Edgard Linhares, a professora Isolda Castello Branco, a professora Iracema Santos, que foi pró-reitora da UECE até ano passado.

Entrevista -- Esse grupo fez parte daquele grupo de professores que implantaram o Christus?

Luiza -- Não, não. Dos professores que implantaram o Christus, alguns ficaram... Maria Lúcia casou com o diretor e as outras saíram -- inclusive Diatáhy também tinha sido do Christus --, saíram de lá pela mesma razão minha. A gente sentia que o colégio já não estava mais correspondendo ao que a gente imaginava que devesse ser.

Entrevista -- Qual era o pensamento desses professores? O que vocês imaginavam que o Colégio Christus deveria ser? No que ele se desvirtuou desse pensamento? Essa idéia tinha alguma diferença da escola pública onde a senhora ensinava?

Luíza -- Bom, quando nós fundamos o Christus nós pretendíamos fazer uma escola onde a educação fosse a coisa principal, quer dizer, mais importante do que o conteúdo das coisas ensinadas deveria ser a maneira como as crianças aprendessem. Todos nós, de uma maneira ou de outra, tínhamos uma experiência de ação católica. E a Ação Católica foi uma grande escola. Porque nós partíamos do contato com a realidade, da análise da realidade e de conclusões que eram tiradas através de discussões, de estudos. E se procurava então agir coerentemente. Não de uma maneira, digamos, catequética, mas de uma maneira testemunhal, quer dizer, dar um testemunho de vida, coerência, com a verdade que a gente acreditava. Então, nós imaginávamos que uma escola -- eu ainda imagino -- deva ser isso: um lugar onde as pessoas acima de tudo aprendem o gosto do saber. E onde aprendam a se relacionar consigo mesmas, com o mundo, com a realidade. E é uma escola de um meio burguês, extremamente difícil. E nós tínhamos consciência de que essas pessoas, a um prazo curto, seriam dirigentes da sociedade. Então, a gente tinha um sonho, de tentar fazer com que elas, as crianças, os filhos dessa classe social, tivessem uma outra visão de mundo. E acho que não foi inteiramente perdido, não. Essa geração que saiu do Christus da nossa época é a geração que fez esse grupo novo de empresários que... É claro que esta dentro do sistema mas, por exemplo, Amarílio Macedo (*empresário*), Tasso Jereissati (*presidente nacional do PSDB*), Assis Neto (*presidente do PSDB-CE*). São pessoas que, de qualquer forma, eles têm uma certa diferença dos que vieram antes deles. E eu acredito que esses oito anos que eles tiveram conosco, pelo menos é o que eles dizem, têm uma influência nisso. O Mino (Castelo Branco), aquele desenhista. Muita gente de valor, não apenas de valor, digamos, econômico, mas muita gente que tem uma certa preocupação com o social. De qualquer maneira eu acho que esses oito anos deixaram essa marca. Mas aí, é a tal história, o tempo vai revelando as coisas, né? Então, nós começamos a perceber que a tendência do colégio era se transformar em mais um colégio que tinha que crescer a custa do lucro, enfim, como os grandes colégios da cidade cresceram. E nós achamos que se fosse pra ser assim, tudo bem, só que a gente não tava com vontade de colaborar nesse projeto. Eu, pelo menos, não estava e tenho certeza que algumas das pessoas que saíram

comigo também não tinham vontade disso, não.

Entrevista -- Como é que esse projeto funcionava?

Luíza -- Sim, esse era o projeto coletivo dentro do Christus. Enquanto pôde ser coletivo nós fizemos. Quando não pôde mais ser coletivo, saímos. O Grupo Escolar Visconde do Rio Branco é uma escola pública, então, como toda escola pública, é ambígua. Porque não existe um projeto, uma filosofia de educação estatal. Exatamente a nossa tentativa nessa assessoria, que foi cortada pelo golpe militar, era dar ao Estado essa possibilidade de ter uma filosofia de educação. O que nós conseguimos lançar, no dia 25 de março de 1964 -- imagina perto de que nós estávamos -- foi um chamado *Livro da Professora*. Era exatamente essa idéia colocada pra todo o Estado, a idéia que todos os professores do Ceará pudessem ter a oportunidade de refletir sobre isso, sobre o sentido que deveria ter a educação. Claro que nós não conseguimos, nessa época, nada disso e tudo acabou no dia 1º de abril.

Entrevista -- O livro chegou a ser distribuído?

Luíza -- Chegou. E foi até usado algum tempo, mesmo depois que eu tive que sair inclusive da cidade, por causa de perseguições políticas, né? Mas aí é diferente, num outro contexto, e sobretudo num contexto de terror, não funcionava. Porque, de repente, chegava uma pessoa e dizia pra você: "Isso aí é uma idéia perigosa. Não, isso aí é uma coisa que não deve ser adotada. Isso é comunismo". As pessoas tinham medo, é claro. Agora, dentro do Grupo Escolar Visconde do Rio Branco eu tive uma sorte maravilhosa - aliás, a minha vida é toda marcada por esses acontecimentos especiais. Quem dirigia o Grupo Escolar Visconde do Rio Branco - que é o que eu ia dizer a ambiguidade que estava - é que, se por um lado era uma escola ligada ao poder político, por outro lado tem um espaço de liberdade muito maior que numa escola privada. Exatamente porque a Secretaria de Educação não tem condição de estar ouvindo tudo o que se passa. E eu tive a sorte de entrar no grupo Escolar Visconde do Rio Branco na época em que a professora Tony Cals, Maria Antonieta Cals, era a diretora e era uma grande educadora. Foi uma mulher que ajudou, a mim e a toda equipe que trabalhava nessa época, a ser exatamente isso. Aquele sonho que a gente tinha no Christus a gente conseguiu realizar durante muito tempo

porque a Tony era a diretora e, depois que ela deixou de ser, uma outra professora, a Francisca... Esqueci agora, o sobrenome. Faria questão que o nome dela fosse correto. Porque ela continuou e aprofundou o trabalho da Tony. Um grupo escolar, a escola pública, depende fundamentalmente da diretora. Porque toda a estrutura é hierárquica. É muito difícil que um grupo de professores possa fazer alguma coisa se a diretoria se opõe. Porque aí é a relação com a Secretaria de Educação e geralmente é uma influência quando não neutra, negativa. Principalmente nesse anos de chumbo, né? Em que as direções das coisas eram entregues a pessoas manobradas pelos militares. Então, nós conseguimos atravessar todo esse tempo do golpe militar com a maior independência possível. Eu era uma pessoa extremamente visada, eu era a comunista oficial da cidade. E, no entanto, nem a Tony, nem a Francisca, nunca puseram qualquer obstáculo, qualquer objeção às minhas idéias pedagógicas. Eu sempre pude trabalhar com a maior liberdade. Você imagine que, quando o Genoíno (*ex-guerrilheiro e hoje deputado federal pelo PT-SP José Genoíno*) saiu da prisão, os meus alunos foram visitá-lo no lugar onde ele tava escondido. E a diretoria sabia disso. Eles tinham vontade, o Genoíno era um herói pra eles. E era sim, merecia ser. O José Genoíno. Ele, depois da guerrilha, foi preso e os últimos anos de prisão cumpriu aqui, no Ceará. Lá no Presidente Vargas. Ele e vários outros presos políticos. Professor Valmir, que é aqui da universidade, o Oswald Barroso, esse que foi diretor do Theatro.

“Quero que a criança dentro de mim não morra nunca... Tenho uma fé muito infantil... essa de segurar na mão de Deus e ir, sabe?”

Todos eles estavam lá. E quando o Genoíno saiu nós tivemos muita preocupação com ele porque havia grupos interessados em eliminá-lo, ou pelo menos a gente tinha indicações sobre isso. E ele ficou refugiado num determinado lugar, e eu fui com meus alunos, que eram então de 5ª ou 6ª Série, porque eles queriam conhecer o Genoíno. E nós fomos



A leitura para Luíza sempre teve uma conotação de afeto, de diversão. “Não sei dizer desde quando sei ler e desde quando leio”.

No início da entrevista, Luíza sentou-se de braços cruzados. Mas, ao final, mais à vontade, já estava de braços abertos.

Nos últimos minutos da entrevista, Luíza se perguntou: “Eu não sei o que vocês vão escrever com essas besteiras”. E sorriu.



O ex-governador Virgílio Távora foi um grande amigo. Mas não havia concordância política. "Éramos afetuosos inimigos".

Luiza é conhecida por não gostar de dar entrevistas, o que afirma não ser verdade. E foi o que nos provou durante duas horas de papo.

Ela se considera uma pessoa de sorte. A vida para Luiza tem sido muito suave. "As fases têm passado muito suavemente".

lá. Então, a gente conseguia criar esse clima. De uma espécie de resistência à ditadura, mesmo com as crianças. Era uma escola primária. Depois que a Tony terminou o mandato e a Francisca também, eu já ensinava na Universidade Estadual do Ceará, mas eu procurava sempre manter minha cadeira de curso primário. Mas, quando elas saíram, que as coisas mudaram -- isso já depois da anistia, mas os efeitos da ditadura são longos, né? -- aí realmente foi que esses efeitos se fizeram sentir e eu abandonei a escola e passei a ficar só na Universidade.

Entrevista -- *A senhora escapou ile-sa da ditadura?*

Luiza -- Em termos. Não fui presa nem maltratada fisicamente. Mas respondi a inúmeros interrogatórios.

Entrevista -- *Isso aí faz parte da sorte que a senhora disse que sempre teve? O fato de não ter sofrido...?*

Luiza -- Acredito que sim. Eu tenho uma -- vocês talvez achem isso infantil e tomara que seja, eu quero que a criança dentro de mim não morra nunca. Mas eu tenho uma fé muito infantil, mesmo. Essa de segurar na mão de Deus e ir, sabe? Então, eu acredito que eu sou muito protegida mesmo. Porque inclusive em todos os interrogatórios eu sempre fui profundamente respeitada como pessoa. E mais ainda: consegui diálogos com generais e coronéis assim incríveis, que a gente contando parece mentira. De seres humanos pra seres humanos.

Entrevista -- *A senhora se recorda de algum?*

Luiza -- Eu me recordo de muitos.

Entrevista -- *Pode dizer?*

Luiza -- As pessoas já morreram e parece cabotinismo. Mas, na verdade, por exemplo, eu afirmo isso: que todas as pessoas, inclusive o general Jansen Barroso, que foi uma das pessoas mais nobres que eu já conheci e que era um general da ditadura. Que tinha sido informado de que eu não deveria assumir o meu lugar na Universidade Estadual embora tivesse sido classificada em concurso. Então, resolvi falar com ele. E perguntar por que é que não podia trabalhar. Eu disse: "Olhe, o senhor sabe, me conhece o suficientemente, tem bastantes documentos pra saber, que eu não vim dizer que concordo com as suas idéias. Agora eu quero saber se as minhas idéias me impedem de continuar viva. Porque, se eu não trabalhar, eu morro". Então, a partir daí estabeleceu-se um diálogo de

uma franqueza imensa. Ele foi profundamente... Eu não digo generoso, porque não é questão de condescendência, não. Foi uma pessoa que soube pôr as coisas nos lugares, de

"Eu não sou comunista, porque não dava certo comigo... Agora, houve determinados momentos em que a ação da gente era a mesma, né?"

perceber o que era essa cidade e o que é que havia de mesquinha de inveja e que eclodia em nome de perseguição política. Que as coisas que diziam que eram razões políticas, na verdade, eram razões mesquinhas, de competição, de... coisas provincianas. E eu saí de lá com a minha nomeação. sem pedi-la, porque eu nunca fui pra ninguém da ditadura pra pedir nada. Inclusive eles tinham a exigência de que a pessoa deveria fazer um documento condenando as idéias comunistas e fizeram, um coronel lá fez um rascunho pra mim. Aí eu li. Era um negócio assim: "O comunismo, essa doutrina abominável, essas pessoas que estão dispostas..." Essas histórias, come criancinha e tal, né? Aí eu disse: "Olhe, eu sei que a minha vida profissional tá dependendo disso, mas eu não posso assinar um papel desse". Aí o general disse assim: "É, realmente, está muito mal-escrito" (risos). Achei ótima a saída. "Então a senhora faz o seguinte: a senhora redige como achar melhor." Aí eu redigi, tá lá nos arquivos: "Pedem-me que declare que não pertenço ao Partido Comunista. Realmente nunca fui do Partido Comunista, porque nunca fiz essa opção, embora respeite profundamente os que a fizeram". Ponto e assinei.

Entrevista -- *A senhora foi de algum grupo político?*

Luiza -- Da Ação Popular, da AP, não era comunista. A AP tinha duas tendências. Uma tendência decididamente marxista e uma tendência que assumia do marxismo as coisas que eram mais apropriadas à compreensão do mundo. Mas que não era uma opção marxista - inclusive a AP de tendência nitidamente marxista acabou indo pro PCdoB. E eu pertencia à outra, e nós ficamos numa situ-

ação clandestina, nós nos opusemos àquela entrada na luta armada porque nos parecia que era inoportuna. E a história provou que era mesmo. Mas a gente nunca deixou de apoiar, de todas as maneiras possíveis, a ação de nossos companheiros comunistas e esquerdistas de uma maneira geral. Mas nós não éramos comunistas. Isso não tem muita importância, nunca teve, pra mim. Eu nunca fui de achar que, por ser comunista, a pessoa tá errada ou certa. Mas, na verdade eu não sou comunista, não dava certo comigo. Eu nunca deixei de ser espiritualista, aliás, eu nunca deixei de ser cristã. E não fazia sentido, porque o que é que eu ia fazer num partido que não tinha nada a ver com isso? Agora, houve determinados momentos em que a ação da gente era a mesma, né? Pouco importava em nome de quem fosse feita.

Entrevista -- *A amizade que a senhora teve com o coronel Virgílio Távora durou muito tempo?*

Luiza -- O Virgílio ficou sendo meu amigo até o fim da vida. Mas isso não quer dizer que tenha havido concordância política. Aliás, ele tinha uma grande mágoa: eu nunca votei nele. Mesmo quando voltaram os tempos de votar, eu nunca concordei com as idéias políticas dele, nós éramos afetuosos inimigos (risos).

Entrevista -- *A senhora falou que toda escola pública é ambígua. Eu queria perguntar o seguinte: os marxistas vêem o Estado como um aparelho repressivo e ideológico das classes dominantes. Na sua opinião a educação é dever do Estado? E se ela é, como a senhora vê essa relação Estado-escola?*

Entrevista -- *Eu queria aproveitar e perguntar, em termos de relacionamento, como foi também o seu relacionamento com seus alunos?*

"As coisas são feitas de pessoas... Quando você se instala numa máquina estatal, é muito difícil preservar esses valores humanos."

Luiza -- Maravilhoso, isso. Até hoje eu sou amiga de todos os alunos que já passaram por mim. Mesmo quando eu nem me lembro mais deles eles



Nunca obedeceu com rigor a nenhuma ordem superior, mas Luíza também nunca entrou em choque. Não acredita em revolução solitária.

se lembram de mim. E, com muita amizade, com muito carinho. Isso aí eu acredito que tenha sido a escolha mais certa que eu fiz, entrar numa profissão de uma coisa que eu sei fazer. E no saber fazer eu dou a prioridade a essa possibilidade de estabelecer relações humanas positivas, quer dizer, não apenas no sentido de compensação afetiva, não é isso, mas no sentido de fazer com que as pessoas cresçam junto comigo. Quer dizer, eu cresça com elas e elas comigo. Agora, essa questão do Estado... O Estado... Olha, eu acho que esse negócio, essas coisas que a gente diz assim "o Estado", "a conjuntura"... As coisas são feitas de pessoas. É claro que quando você se instala numa máquina estatal é muito difícil preservar esses valores humanos. O que é uma pena, porque realmente o poder corrompe e o poder absoluto corrompe de maneira absoluta. Isso é verdade. Então, essa entrada nas estruturas do poder é um risco sempre muito grande, mas isso não exclui a responsabilidade que o Estado tem de distribuir a justiça. E a justiça é o respeito aos direitos humanos. O direito à educação é fundamental. Então, é papel do Estado, sim. Agora, é papel dos indivíduos evitar que esse males do poder se transfiram pras pessoas. Um professor de uma escola pública é que responde diante da comunidade pela qualidade da educação do seu aluno. Esse negócio de você usar essa desculpa de que não posso fazer isso, porque a secretária de Educação, porque o Ministério, porque não sei o quê... Eu duvido muito disso, porque eu nunca obedeci nenhuma ordem de ministério nem de secretaria, e também nunca entrei em choque, porque eu acho também suicida você fazer um tipo de revolução solitária. Eu acho que com inteligência você consegue cumprir as obrigações que são exigidas pelo seu cargo sem trair os seus valores fundamentais. As pessoas, muitas vezes como não tem muita firmeza, muita convicção desses valores, elas, por preguiça, por inércia, por comodismo, deixam que as coisas corram mal. Então, a desculpa é essa: "É não, é porque o Estado é ruim, a Secretaria de Educação, a ideologia". Acredito nisso não. Eu acredito em gente. Gente pode sempre fazer as coisas, quando quer fazer e quando tem competência, porque também tem o negócio da competência porque ninguém mexia comigo, porque ninguém ganhava de mim. Eu sabia fazer. E apresentava as coisas. Me lembro de uma época... Eu sempre dei minhas aulas como eu dou hoje na universidade. Você sabe

que minha aula é completamente diferente. Se vocês quiserem, todas as segundas e quartas, podem assistir. e nem por isso eles deixam de aprender o que é essencial. Porque o mais importante que eu acho em qualquer grau de ensino é que as pessoas aprendam a pensar, ter senso crítico e desenvolvam a sua inteligência. Se você desenvolve a sua inteligência você é capaz de agir convenientemente em qualquer situação. Me lembro de uma época quando eu era professora primária, na minha turma, eu dava o programa que considerava adequado pra que eles aprendessem - eu ensinava História - a refletir sobre o mundo. Pra mim, História só tem esse sentido. Não é apenas uma coleção de cadáveres que você vai desenterrando, mas é uma reflexão sobre os traços que a humanidade tem deixado na sua passagem por esse mundo. E você se reconhecer nessa humanidade e saber qual o teu papel e teu lugar aqui e agora... Então, isso eu fazia com os meninos. É claro que não podia seguir aquilo que vinha escrito da Secretaria de Educação: "Ensinar as

"Educação é o crescimento da personalidade... É o que fica limpo... É o que fica além de tudo o que a gente aprende."

capitanias hereditárias", "Ensinar não sei o quê". O que é que interessa a um menino saber quem foi o donatário da capitania não sei das quantas. Agora, o sentido de um país ter sido arbitrariamente dividido, entregue a pessoas do poder, que não levaram nenhuma das necessidades das pessoas que estavam naquelas terras, isso é o importante. Então, eu estava ensinando capitanias hereditárias, não concordo com o que o livro dizia. Com toda a consciência eu botava lá no livro: "Capitanias hereditárias", porque é verdade. É a verdade em que eu acredito. Mas inventaram de eles fazerem uns exames, que eram mandados pela Secretaria de Educação. Isso era 6ª Série. Eu digo: "Olhe, turma é o seguinte: tá aqui essa ordem, daqui a dois meses vocês vão ter que fazer uma prova e pra essa prova isso que a gente tá aqui pensando, isso que a gente sabe que é o correto, não vai

servir pra passar. Então, o que a gente faz? Vamos estudar do jeito que eles querem. Depois vocês esquecem isso" (*Risos*). Estudaram tudinho, aprenderam tudinho, passaram brilhantemente. Claro! A vida é uma tática de luta. Você tem que ser inteligente. Agora, vir dizer que não, os meninos não aprendam isso, não, e eles serem reprovados. Que graça que tinha?

Entrevista -- *Esse sentimento de inveja que existe entre as pessoas também emperra a educação?*

Luíza -- Claro. Porque educação é um crescimento da personalidade, não é uma acumulação de conhecimento. Nem mesmo de conhecimento filosófico, nem mesmo de conhecimento ideológico. Tem uma lenda zen que diz o seguinte: o discípulo pergunta ao mestre o que é educação, o que é cultura. Ele diz: "Pegue esse jarro aqui. Encha d'água". Aí o cara vai lá e enche o jarro d'água. "Toma aqui, mestre." "Agora derrama tudinho, derrama no chão. O que é que aconteceu?" "Eu enchi d'água e agora tá vazio." "E o que mais?" "É, tá mais limpo." Educação é o que sobra, é o que fica limpo. Mundo. Mundo quer dizer limpo. É o que fica limpo depois de tudo, é o que fica além de tudo o que a gente aprende. Acumulação de conhecimento é erudição. Tem muita gente erudita no mundo que não serve pra nada. Ou pelo contrário, serve pra muita coisa ruim. Já pensou a quantidade de conhecimento pra se fazer uma bomba H, ou uma dessas armas químicas ou biológicas? Precisa muito conhecimento pra isso. Você saber como se faz as coisas é muito pouco. Você tem que criar uma consciência é de para que você sabe. Para que serve aquilo. Essa é que é a questão fundamental. Essa questão que o professor tem que ajudar o aluno a encontrar. Porque ninguém ensina ninguém. O verdadeiro professor é um facilitador, até um dificultador, muitas vezes, pra que as pessoas aprendam a resolver problemas. A função do professor é essa. Pra isso, ele precisa ser um ser humano estruturado. Não perfeitamente estruturado, porque senão a gente ia começar a ser professor quando? Na hora de morrer, se é que se estrutura até a hora da morte, sei lá... mas pelo menos uma pessoa que tenha vontade de estar nesse processo, uma pessoa que queira crescer, que queira ter grandeza. Isso é um professor. Se você não é assim, como é que você vai despertar isso nos outros? Se existe essa troca, isso é possível em qualquer circunstância, com qualquer conteúdo.

Luíza crê que com inteligência se pode cumprir com as obrigações de qualquer cargo sem trair a seus valores fundamentais.

"Um Certo Planeta Azul" partiu do desejo de Luíza de dar às crianças pobres o livro mais bonito que elas pudessem ter.



A simples acumulação de conhecimentos, para Luíza, é erudição e tem muita gente erudita que não serve para nada ou só pra coisa ruim.

História para Luíza é uma reflexão sobre o mundo, não apenas uma coleção de cadáveres que você vai desenterrando.

A figura de Luíza de Teodoro na sala de redação parecia iluminar o ambiente nas duas horas de entrevista.

Entrevista -- *Os professores de hoje já não têm mais esse estilo?*

Luíza -- Olhe, generalizar é uma coisa muito perigosa. O que é professor de hoje? Professor de hoje é meu aluno Eduardo, que está fazendo isso muito melhor do que eu. Meus meninos que estão aí trabalhando fazem isso com muito mais beleza. Eles são muito mais bonitos, muito mais grandes do que eu. Vieram noutra época, pegaram outras circunstâncias. E alguns que são uma porcaria, como havia no meu tempo. Não tô dizendo a você que colegas meus delataram uns aos outros? Não existe deficiência de caráter pior que de um delator. Eu consigo entender qualquer crime, menos delação.

“Fica difícil você manter um ideal de vida se você não se realimenta com pessoas que estão envolvidas com os mesmos problemas.”

Entrevista -- *A senhora acha que hoje em dia há mais empecilhos para que seja implantada essa idéia de ensinar a criança mais a pensar?*

Luíza -- Há. Há, porque... Você vê, a gente vive uma sociedade de consumo, que nos consome, onde nós consumimos e somos consumidos. Então, hoje há uma orientação da própria sociedade pras coisas imediatas. Então, você tem que conseguir coisas, você tem que ter quantidade de coisas. A figura do professor hoje é sempre assim: um pobre coitado que ganha pouco, pobre do miserável que ganha pouco. Você bota o ganhar nesse sentido material acima de outra forma de ganhar, que é esse enriquecimento interior. Não tô culpando ninguém. Porque você tem mesmo que ganhar a vida. Você não pode pensar nessas coisas filosóficas se seu filho tá doente e você não tem dinheiro pra comprar um remédio pra ele. Eu pude ler muito, mas hoje um professor comum, que vive aqui em Fortaleza, onde não existe uma infra-estrutura cultural porque um professor comum, que ganha pouco, na França, tem muitas bibliotecas. Porque hoje você tem que ter livros pra todo mundo. Não se pode mais ter uma biblioteca pessoal. Eu ainda tenho uma biblioteca pessoal, mas isso não cabe mais no mundo de hoje,

não faz mais sentido. Mas onde é que uma pessoa comum vai estudar, vai ler, se a gente não tem essa aparelhagem intelectual. A própria cidade não tem esse tipo de recursos pras pessoas. A pessoa teria que comprar livros. E o dinheiro dá? Não dá. Eu sou viciada em livros, mas hoje em dia eu não posso mais comprar livros. Eu alugo livros, eu peço livros emprestados. Porque a gente não pode. Eu queria recomendar um livro pros meus alunos, fui olhar e ele custava 4.500 cruzeiros reais. Quer dizer, há condições objetivas extremamente difíceis. E outra coisa: perdeu-se na organização social essa coisa que é o que sustenta as pessoas, são os grupos. A própria universidade dispersou as pessoas. Quando eu fiz universidade a gente tinha uma turma que a gente começava e ia até o fim com ela. Então, a gente tinha o apoio dos amigos, uns incentivavam os outros, quando a gente tava desanimando o outro dizia: “Não, mas isso é assim...” A gente discutia idéias, trocava material de leitura. Hoje em dia isso tá se tornando difícil. Dentro da própria universidade, das próprias escolas, as pessoas são muito separadas. Fica difícil você manter um ideal de vida se você não se realimenta com pessoas que estão envolvidas com os mesmos problemas que você enfrenta. Não é fácil. Agora não é impossível. Porque também, nesse mesmo mundo, eu conheço muitas pessoas jovens que estão formando seus próprios grupos, exatamente sentindo essa necessidade. Sabe que uma das grandes tendências das cidades hoje é se formarem grupos de estudo. Então, em torno de pessoas que têm algum conhecimento maior. Isso já é muito comum no Rio, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Brasília. Aquelas pessoas têm dias

“Há um grande medo no mundo todo... A gente tá num mundo muito solitário. E a gente tá precisando de um mundo solidário.”

em que, pessoas mais jovens ou não, vão se reunir ali pra pensar, pra estudar, pra refletir. Quer dizer, a própria sociedade está sentindo a necessidade dessa troca, que não é apenas uma troca de informações intelectuais, mas é sobretudo um espaço de liber-

dades, pra você poder errar, pra você poder acertar, pra você poder questionar, pra você poder se expor. Porque também há um grande medo, no mundo todo. Entre nós, o pior resíduo da ditadura foi esse medo que nós ficamos uns dos outros. A gente tem medo, do que vão pensar da gente. Até pouco tempo atrás, o medo de ser preso, o medo de ser considerado subversivo, de perder emprego. Um medo real. Muitos dos meus alunos têm perdido o emprego em colégios particulares porque dão essas aulas do jeito que eles acharam que era bom, entende? E perderam empregos. Quem os sustenta? Quem vai falar com eles? Quem vai reclamar com eles? A gente tá num mundo muito solitário. E a gente tá precisando de um mundo solidário. E por isso que eu tenho a esperança que essa iluminação do Betinho, que começa com uma coisa bem palpável, imediata, que é juntar as pessoas para matar a fome material dos outros... mas, na verdade o grande propósito disso -- e nós discutimos isso amplamente e sabíamos o risco que a gente tava correndo, de um homem como o Betinho, com o passado que ele tem de lançar uma idéia dessa e ser mal-entendido. Mas isso a essa altura pouco nos importa --, a idéia era exatamente as pessoas começarem a olhar umas pras outras e perceberem que podem fazer alguma coisa juntas. Você não podem imaginar que coisas surpreendentes têm surgido nessa campanha de cidadania. Eu trabalho com o grupo do Bairro de Fátima. Os depoimentos das pessoas, que disseram: “Meu Deus, como eu nunca pensei que minha vida pudesse servir pra alguma coisa. Você já pensou o que é você passar uma vida inteira e chegar aos 45 anos achando que a sua vida não tinha a menor possibilidade de servir pra nada? Vocês já pensaram o que é o peso que existe, no mundo, quando inúmeras pessoas começam a descobrir que servem pra alguma coisa? E esse servir pra alguma coisa não é fazer um pacote de feijão pra levar, não. É ter alguma coisa a dizer. É poder ser amado pelos outros.

Entrevista -- *A senhora falou que é muito religiosa e muito cristã, mas ao mesmo tempo a gente sabe que a senhora tem um lado místico muito forte. A senhora curte essa história de duende, de estudar mitologias pagãs. Eu pergunto como é que a senhora faz pra conciliar isso com o lado católico, cristão, carola...*

Luíza -- Primeiro que eu nunca fui carola. Carola é a pessoa que usa a religião como refúgio ou então como



Ao final da entrevista o professor da disciplina de Laboratório de Jornalismo acompanhou Luíza de Teodoro até o pátio do curso.

uma compensação, uma carência afetiva, esse negócio todo. Pra mim, a minha relação com Deus é a minha força. É a força, é a razão de me sentir uma pessoa capaz de utilizar todas as minhas potencialidades, todas as potencialidades da minha inteligência. E nunca encontrei dificuldade alguma de conciliar o que eu sei de qualquer cultura, de qualquer forma filosófica, com as verdades cristãs. E não sou católica. O papa não me aceitaria na Igreja, porque as coisas que ele diz não têm nada a ver. E também não sou de estar cumprindo mandamentos. Isso aí nunca fui. Mas, quando eu digo que sou cristã é porque eu assumo a minha cultura cristã e eu assumo as verdades que o cristianismo me deu como forças que têm me ajudado a ser coerente, a ser forte, a ser inteligente, a ser competente e a ser feliz, sobretudo. E todas essas demais manifestações da verdade, de onde quer que elas venham, eu as acolho porque não há incompatibilidade na verdade. Toda verdade é uma só.

“Minha relação com Deus é minha força. É a razão de me sentir uma pessoa capaz de utilizar todas as minhas potencialidades.”

Numa catedral de Notre-dame ou num terreiro de Umbanda, que eu frequento, é o mesmo Deus, é a mesma verdade, é o mesmo encontro que eu tenho comigo mesmo e com esse mistério do Universo. Então, simplesmente, eu nunca tive problema nesse sentido. O problema existe quando você se apega a um lado sectário das coisas. A pessoa sente que cumprindo aquele rito ela está esgotando a toda a sua necessidade religiosa. Então, outro rito que é diferente daquilo e em contraste, contradiz. Se sente culpado: “Como é que eu tô aqui na missa, comungando e amanhã eu vou pra um terreiro de umbanda? O papa diz que é pecado, o padre diz que é pecado, não sei o quê.” Ou então o umbandista diz: “Como é que você tá aqui hoje e amanhã tá na Igreja?” Eu tenho nada com isso! Eu sou umbandista do meu jeito. Eu não sei se os pais-de-santo acham que eu sou umbandista. Mas isso não me interessa. Eu sou cristã. Não me

interessa se o papa, ou os padres acharem que eu seja cristã. Eu sou. Sei dentro de mim que sou. Tenho bastante inteligência para ler e estudar e saber que no fundo todas as

“Esse culto exagerado da razão lógica... Trouxe para a humanidade uma esterilidade profunda, porque perdeu-se o senso da unidade.”

coisas são uma verdade só. Então, meus duendzinhos não têm nada a ver. A verdade cristã sempre me ensinou que todas as manifestações da criação são manifestações do Divino. Ora, quem somos nós pra dizer que só porque nós não conhecemos determinadas forças das quais a humanidade acredita há milênios, elas não são manifestações reais. Só porque eu não as conheço, não as vi? Mas há muito mais depoimentos históricos sobre essas existências do que sobre a existência dos elétrons que tão circulando aí nessa lâmpada, que eu também não entendo. Eu não entendo nada de Física Nuclear. Acredito, dogmaticamente, porque os físicos me dizem. Mas isso eles sabem de um século pra cá. Essas outras verdades sabe-se há, no mínimo, dez mil anos. Então, por que não?

Entrevista -- *O que é que você acha dessa onda, essa moda de misticismo que está atingindo as pessoas? Essa história de comprar duende, de comprar cristal?*

Luíza -- Eu sou historiadora. Então, eu acredito que não há nenhuma manifestação coletiva que não tenha um sentido. O que a gente chama moda é um indício de um estado de consciência de uma determinada cultura. Então, se existe uma moda, é porque existe uma necessidade qualquer a ser preenchida dentro dessa cultura. Agora, isso no plano do coletivo. Então, é claro, que nós estamos no momento da história em que há uma necessidade do inconsciente coletivo de recorrer, de se lembrar, que tudo isso já se soube, de se lembrar de determinadas realidades, cuja necessidade também existiu em outros tempos, né? Porque eu entendo a História como espiral: quando você tá aqui (*embaixo*), você não tá aqui (*em cima*). Nunca se volta. Mas você se

traçar uma reta você encontra uma ligação qualquer, um parentesco qualquer, com aquele momento. Então, nós estamos numa volta da espiral da história, em que nós estamos muito mais próximas de verdades extremamente antigas, essas verdades do paganismo -- paganismo é uma maneira preconceituosa da civilização ocidental, dita cristã, dizer as coisas, né? Mas vamos usar o termo comum. Então, há muitas coisas que estão mais perto disso do que desse racionalismo extremado do século passado. Por quê? Porque a humanidade chegou a um momento de consciência em que percebeu que esse culto exagerado da razão lógica, ou do hemisfério cerebral esquerdo, ele é profundamente estéril. E ele trouxe pra humanidade uma esterilidade profunda, porque perdeu-se o senso da unidade, da ecologia. Então, nós estamos num estado de consciência em que a gente está se despertando pra esse outro hemisfério, que é aquele que é capaz de perceber as harmonias que existem entre coisas aparentemente divergentes. É apenas um modismo pra algumas pessoas? Pode ser. Há muitos níveis de consciência individual. Pra algumas pessoas essa é uma maneira de estar na moda, de estar na onda e tal. Paciência. Cada pessoa tem seu ritmo. Cada pessoa tem o seu caminho. Mas pra uma grande parte das pessoas isso não é moda. Pra mim não é. Isso é uma redescoberta. De uma coisa que eu sei que a humanidade já soube e que ela está sabendo agora num nível muito melhor, porque ela já passou pela experiência da inteligência racional. E isso é inapagável. Já passou pela experiência da tecnologia, já passou pela experiência da ciência. E isso é ótimo, embora os frutos possam ter sido amargos, em parte. Mas não fosse esses frutos amargos que são o resíduo da coisa, não teriam havido as coisas boas.

Entrevista -- *Professora, a senhora podia falar um pouco sobre seu livro “Um Certo Planeta Azul”? Como é que foi a concepção, a idéia de escrevê-lo?*

Luíza -- É, agora eu reato a minha história que é muito musical. Então, na polifonia da minha vida interrompeu-se no “Livro da Professora”, né? Eu tive que sair daqui de Fortaleza porque havia sério perigo, sérios riscos. Eu fui pro Rio. E lá eu escrevi três livros de leitura pra crianças que foram adotados -- nem pude assiná-los -- eles são anônimos, são filhos não registrados, e foram adotados por algum tempo e, depois, num determinado momento da história da

No caminho conversaram sobre educação e jornalismo, trocando idéias sobre essas duas áreas tão importantes da atividade humana.

Luíza elogiou o projeto da revista. Disse ser muito importante o trabalho que está sendo desenvolvido na disciplina.



Quis saber do professor que outras pessoas já tinham sido entrevistadas para este número e nos anteriores.

Os textos individuais dos alunos já anunciavam, pela extensão, que na revista Luíza ganharia maior espaço.

Na reunião de avaliação após a entrevista os alunos demonstraram alegria pelo papo com a professora.

Secretaria de Educação, eles foram recolhidos e destruídos. Bom, o tempo passou. O Virgílio Távora voltou ao Governo. Então, já tinha passado a pior parte, mais agressiva. Então, ele novamente me chamou e disse: "Olha, eu tenho uma dívida com você. Eu peço que você retome o seu trabalho". Então, eu fui pra Secretaria de Educação como assessora de Produção de Material Didático e lá eu comecei a escrever uma cartilha de alfabetização. Diga-se, *en passant*, que eu não gosto de cartilhas. Eu aprendi a trabalhar em alfabetização com Paulo Freire, meu amigo Paulo Freire, meu mestre Paulo Freire. E nós nunca simpatizamos com cartilhas. A gente sempre acha que deve partir do próprio educando e tal. Mas a realidade cearense é que as pessoas não tinham nada, nem possibilidade de ser treinadas. Então, o que é que me restava? Dar a elas um instrumento qualquer que fosse pelo menos digno. Que resgatasse o vocabulário, a beleza, a cearensidade do espírito nosso, porque a coisa que mais me dói no nordestino é que todo esse trajeto da nossa história nos transformou em pessoas que nos inferiorizamos, entendendo? Nós nos tornamos folclóricos para os não-nordestinos e aceitamos essa folcloricidade enquanto nordestinos. Essa coisinha de você ser engraçado, sabe?, porque é cearense. Essa coisa exótica. Então, eu acho que isso é um crime que é cometido conosco com nossa convivência. Então, meu primeiro pensamento foi esse: eu tenho que fazer alguma coisa que ajude essas professoras que se consideram inferiores por não serem paulistas, ou cariocas, enfim, a tentar resgatar o Ceará. E, também, partir daquilo que é conhecido. Porque eu via nas escolas o menino ver um cacho de uva desenhado, ler "u-v-a-va" e chamar pitomba, porque o que ele conhece com cacho é pitomba.

"Que é que aconteceu? Alfabetizaram mal e mal algumas pessoas que depois não leram mais, nem sentiram necessidade, nem prazer de ler."

É claro que chama pito... Se ele for inteligente, ele chama pitomba! Ele chama uva porque é colonizado e obrigado a dizer o nome que tá lá no

livro. Então eu comecei por aí. Chama-se "A Cartilha da Ana e do Zé", que exatamente foi fruto de uma pesquisa, pra que as professoras sentissem que escrever livro não é uma mágica. É uma coisa que elas também podem fazer. Depois da cartilha, como nossas escolas, na maioria, não têm bibliotecas, eu escrevi um livro de leitura, pra que não se perca a alfabetização. Porque se você se alfabetiza e você não tem funcionalidade, não tem uso no país, você perde. Essas campanhas todas fizeram... Do Mobral, de não sei o quê, o que é que aconteceu? Alfabetizaram mal e mal algumas pessoas, que depois não leram mais, nem sentiram necessidade, nem prazer de ler, e que por isso mesmo vão regredir ao analfabetismo. E o pior ainda: pensando que são alfabetizadas. Porque muito pior que o analfabeto e o semi-alfabetizado, porque pensa que sabe das coisas, e o analfabeto ainda tem aquela abertura de querer aprender. Bom, então escrevi o livro de leitura. Aí, me pediram pra continuar a sequência. Então, eu imaginei o seguinte: que deveria... Quando eu era criança pequena lá em Barbacena (*risos*) existia uma coleção chamada "Tesouro da Juventude", que foi o encanto da minha infância. Eram 12 volumes, onde havia Ciências, Geografia, História, Literatura, lições de coisas, até lições de música, francês e tal, em vários volumes. E também um livro que -- aí são as lembranças afetivas da minha geração -- que chamava "Crestomatia". É uma palavra grega que significa "coletânea". Era uma coletânea de textos de autores clássicos e modernos da época, que eu lia com o maior prazer, porque foi assim que eu pude conhecer, antes de ler os livros mesmo, esses grandes autores, romancistas e tal. Sempre tinha contos ou pedaços e tal. Então eu imaginei: o que é que tava ao meu alcance? Era tentar fazer um livro onde uma criança -- do meio pobre, que a criança do meio rico pode comprar livro. Vai pros Estados Unidos, compra Hoje em dia tem uma variedade boa de livros infantis. Mas o menino pobre, o menino da escola do interior, o menino da escola da periferia, não tem isso. E lutar por biblioteca é você entrar numa estrutura de poder -- aí realmente o poder atrapalha --, onde você não tem influência, onde eu não tenho influência. Então, eu vou fazer uma mini-biblioteca, condensada num volume, na esperança de que o professor lia isso pros seus alunos e com os seus alunos, e ao terminar ele tenha uma visão daquilo que se está pensando hoje sobre Ciência, sobre

Sociologia, sobre História, e que ele veja coisas bonitas. Coisas bonitas da nossa natureza, através da fotografia, e coisas bonitas da arte universal e nacional, através de reproduções artísticas. Porque tudo isso é

"O que mais me dói é essa tendência à mediocridade. É qualquer coisa serve. Essa coisa pobre, miserável, pedinte do Ceará."

coisa que nos burgueses temos acesso. Um menino nunca viu uma estátua da Vênus de Milo, ou uma coisa assim. Essas coisas que são tão corriqueiras pra nós, né? Então, eu digo: "Bom, vou fazer isso". E fiz. Na verdade, o livro "O Planeta Azul" é isso. Não é um livro de informações de Ciência, nem de informações sobre o Brasil, nem de informações sobre História. Porque a História tudo bem, a História já passou, é outra coisa. Mas as outras coisas... Se eu der informação sobre Ciência hoje, amanhã tá superada. Então o que é que eu procurei dar? Princípio da idéia da Ciência. Como é que se estuda Ciência? O que é Ciência? As novidades que a Ciência porque esse é o que não muda, quaisquer que sejam as novidades que a Ciência possa trazer. Uma visão de Brasil pra um menino entender que existe gente no Nordeste, no Sudoeste, no Sul, que tem praticamente os mesmos problemas, que tem dificuldades a enfrentar. E, uma lição de História partindo do mundo pra o Brasil e pro Ceará. Não aquela coisa "O general fulano, o rei fulano, a data tal". Mas uma coisa assim orgânica. Como é que as coisas vêm se ligando. Como é que uma coisa vem de outra coisa. Que é a idéia que eu tenho de História. Esse conhecimento do passado, da humanidade que tem uma sequência: um passo atrás do outro e tal. Da maneira mais bela possível, que eu acho que a maior fonte de educação é a beleza, porque você precisa enobrecer o espírito. O que mais me dói é essa tendência à mediocridade. É qualquer coisa serve. Essa coisa pobre, miserável, pedinte do Ceará! Qualquer coisa serve. Porque querem que a gente seja assim. A gente não é, mas querem que a gente seja assim. E muita gente se conforma com isso. Qualquer roupinha velha

serve pra pobre, qualquer porcariazinha, se tem aí uma coisa quebrada, dê pros pobre. Eu tenho ódio a isso! Desde que eu fiz a "Cartilha da Ana e do Zé", que me reclamam, e eu já travei discussões em Brasília, em São Paulo, em Santa Catarina, em todo lugar. "Por que você gastou tanto dinheiro pra fazer um livro tão bonito, se o seu Estado é tão pobre?" Eu digo: "Exatamente por isso. Porque a minha criança pobre talvez só tenha esse livro na vida. E eu quero que ela tenha o livro mais bonito que ela possa ter. Porque os seus filhos podem ter muitos livros bonitos. Se ela só tiver esse, eu quero que seja o mais bonito possível. O melhor desenhista possível, o melhor fotógrafo possível, a melhor impressão possível. Exatamente porque nós somos pobres". E nós precisamos... Pobreza não quer dizer indignidade. Pobreza não quer dizer falta de grandeza, não. Mas é engraçado, é a cabeça... E a cabeça nossa, porque as grandes discussões foram aqui. Se dissessem que eram só os sulistas que achavam isso da gente... Não, é aqui. Besteira. "A gente pode tirar uma xerox desse livro pra dar pros meninos." É, disseram por isso: "Por que tu não fez de papel jornal, que é muito mais barato?" Então é isso. É um livro rico. Por que não? O Estado pode bancar isso. O Tasso (Jereissati) quis bancar o livro e bancou. Esse Governo (administração *Ciro Gomes*) não banca porque não tá interessado em educação.

Entrevista -- Ainda é utilizado esse livro?

Luíza -- Não é porque... Porque o seguinte. O ultimo ato do governo Tasso Jereissati. Ele tirou uma edição pequena, que era uma edição de, digamos, era uma espécie de dívida que ele tava pagando com a educação. Então, ele quis fazer o melhor possível. Inclusive, papel couchê, mil exemplares. Mas todos os fotolitos, as coisas tão aí que era pra encontrar um financiamento que muitos órgãos, inclusive internacionais, tavam interessados em financiar. E existe uma verba enorme no Ministério de Educação pra publicação de livros. E então aquele livro, ele iria ser um livro pra cada aluno das escolas do Estado. Acontece que isso não foi feito. Mandaram um livro pra cada biblioteca, se é que existem bibliotecas, né? Sei que ainda existe um monte de livros lá, na Secretaria de Educação, que não foram distribuídos. Alguns foram distribuídos entre os amigos -- meus e dos funcionários. Não me pergunte por que, porque esse tipo de cabeça eu não entendo.

Entrevista -- Os defensores da universalidade da Educação acusam a proposta de regionalizar os meios didáticos de pluralismo pedagógico, feito apenas pra fazer o homem da terra ficar distante da cidade, pra... Uma conotação social, e pra mantê-los diferentes. E, lendo o seu livro, "Um Certo Planeta Azul", a gente percebe que a coisa não é bem assim. Então, o que vem a ser, realmente, regionalização da Educação?

"As coisas não se passam no Ceará. O Ceará é um palco da História. Mas a História é muito maior. Ela está aí, circulando."

Luíza -- Bom, teoricamente eu sei, mas eu não sei fazer isso, porque tudo meu... É como diz o Antônio Houaiss (filólogo, ex-ministro da Cultura do governo *Itamar Franco*). Foi um episódio interessantíssimo. As editoras do Sul se sentiram muito ameaçadas com as edições daqui, daquele livro, as cartilhas, principalmente. Então elas fizeram um pool e contrataram o Antônio Houaiss pra um debate em Brasília, exatamente com essa argumentação: contra a regionalização dos livros didáticos. E eu fui chamada pra esse debate. Claro que tava todo Senado, Antônio Houaiss, a Academia Brasileira de Letras. Mas eu falei primeiro que ele. Ele não tinha lido a cartilha direito. E eu fui falando e ele foi lendo. Quando eu terminei, ele disse assim ó: "Eu vim aqui pra combater essa cartilha, mas graças a Deus que a Luíza falou antes de mim, porque senão eu ia dizer um monte de besteiras. Porque essa cartilha dela não é regional, não. Ela é cósmica. E eu assino embaixo tudo que ela disse na cartilha". Quer dizer, na verdade, é um dom. Eu acho que, -- por causa de toda essa minha vida ser uma coisa não, não setarizada, já que a entrevistada sou eu --, tenho que dizer que eu consigo ser uma pessoa que tem uma visão universal. Então, na verdade, quando eu digo que é um resgate do Ceará é porque a minha idéia de Ceará não é o Ceará, Ceará. É um lugar uma lugar, uma terra onde se plantam, mas é uma árvore que tá no mundo. As coisas não se passam no Ceará. O Ceará é um palco da História. Mas a História é muito maior. Ela

tá aí, circulando. O que é que existe no mundo hoje que é sozinho, que é fechado? Então, eu acho que a base, a linguagem, é a nossa linguagem, mas de certo modo ela se transforma numa linguagem brasileira, que ela não tem nada de regionalismo. Não existe. Porque é uma tolice pensar que nós podemos manter as nossas gírias. Isso é programa da... Daquela moça, que eu me esqueço o nome, cômica... A Rossicléa (da nova geração de humoristas cearenses). Isso é programa humorístico da Rossicléa. Nós não somos mais assim. A aldeia global é verdade. Não global da Globo, necessariamente. Mas a aldeia mundial. Essa coisa de mundo ser uma totalidade. Nós somos cidadão da terra. Agora, nós somos cidadãos da Terra com uma língua, da qual nós devemos nos orgulhar e que nós devemos cultivar. E que vocês, da Imprensa, me desculpem, mas tão assassinando todo dia. Nós somos cidadãos da Terra com uma cultura, com uma especificidade que nos dá um rosto, porque senão a gente fica feito o Michael Jackson. Se a gente não cuida da gente, a gente fica como aquele pobre menino que não tem mais cara de nada: ele não é gente, ele não é bicho, ele não é branco, ele não é preto, ele não é nada! É isso que querem que a gente fique. Então, você tem que ter um equilíbrio muito grande pra não perder a sua identidade, mas perceber que a sua identidade não é pra você se fechar nela. E pra você ter um rosto pra reconhecer os outros rostos do mundo, entende? E reconhecer no rosto diferente o seu semelhante. Me parece é isso que passa... Pelo menos me tem dito que passa..

Entrevista -- Normalmente você vê as pessoas protegendo muito as crianças da televisão. Você acha que a gente mesmo subestima a capacidade da criança?

Luíza -- Ai tem duas coisas. Uma coisa é essa questão da capacidade da criança, né? Olha, eu não gosto de pensar como as coisas seriam se fossem diferentes. O que acontece é que as crianças vêem tudo isso. Se é bom, se é ruim, eu não sei. Eu sei que a gente tem que tirar o maior proveito possível em cima disso. Elas tão vendo, elas tão sabendo. Elas são muito mais inteligentes do que as crianças da minha geração e até da geração de vocês, e vocês vão ver que o filho de vocês, o outro filho, já nasce mais bem equipado pra isso. Então, eu acredito que existe um propósito na História. Eu já disse que sou teísta. Eu já disse que



Muitos consideraram a entrevista como um momento de grande emoção, uma verdadeira lição de vida.

A discussão da pauta da entrevista de Luíza foi marcada pela leitura de trechos de "Um Certo Planeta Azul".

Professor Jarbas Oliveira procurou vários ângulos para fotografar Luíza.



O nome de Luíza de Teodoro já tinha sido cogitado para o número anterior da revista.

São os alunos que escolhemos entrevistados, apresentando uma relação de cinco pessoas.

Os mais votados formam o elenco de entrevistados. Luíza foi a terceira pessoa mais votada.

sou cristã. Então, eu acredito que a História não é um a coisa à toa. Existe um propósito. Nem um de nós entende, porque se a gente entendesse... A gente não entende nem o próprio cérebro, quanto mais a ordem cósmica. Mas a gente pode intuir

“Assisto novela com a minha empregada e o que ela ver é... diferente do que eu vejo... Então, cada pessoa recebe o que pode.”

que existe... Eu repito uma idéia que eu não sei de quem é, assumo porque gosto dela: a humanidade não coloca problemas que ela não possa resolver. Então, se existe esse problema da comunicação, a gente pode resolver. É um chamado à nossa responsabilidade. Se você acha que o seu menino tá vendo o que não devia, converse com ele. Porque também tem uma coisa que a Psicologia... A pessoa só aprende o que pode. Eu assisto novela com a minha empregada e o que ela vê é completamente diferente do que eu vejo. Eu assisto novela com crianças e o que elas vêem é diferente do que eu vejo, mas é mais próximo de mim do que a minha empregada, que é adulta. Porque elas têm mais agudeza pra certas coisas do que ela, que é viciada no pouco pensar. Então, cada pessoa recebe o que pode. Primeiro. Segundo: não há dúvida de que existem coisas que não deveriam existir. Por exemplo: eu penso que essa exposição, essa banalização da crueldade, é um a coisa ruim. Porque baixa o nível da gente, sabe? De repente, você tá torcendo por um assassino. Você tá torcendo por um linchamento, não tem mais importância. Não há dúvida de que existe alguma coisa a ser repensada nos meios de comunicação de massa. Agora, tal como estão, e como é inevitável que as crianças presenciem, a única maneira e oferecer outras opções. Então, depende... Eu conheço vários pais que estão fazendo isso. Que estão equilibrando os possíveis prejuízos da televisão. Porque, pra mim, o principal prejuízo da televisão, sabe qual é? É a passividade. Se você começa a discutir a televisão, ela começa a ser uma coisa, mesmo que seja o programa pior. Mesmo que seja o “Barra Pesada” (programa policial local). Mas você discutindo, você já está transfor-

mando a atitude mental das pessoas. Porque não é correr do mal. É você estruturar a pessoa pra resistir. É oferecer opções. Como eu dizia, eu conheço amigos meus que estão fazendo com que suas crianças tenham mais vida esportiva, jogos e brincadeiras, que conversem com seus filhos, que lêem alto pros seus filhos. Tem um grupo de amigos meus em Brasília que tá fazendo isso com muito propósito. Ler histórias pra crianças. Ouvi outro dia na televisão que isso, inclusive, é terapia. Mas além da terapia, do psiquismo, essa coisa dos medos infantis que são exorcizados pelas histórias de fadas. Eu acho que existe essa outra coisa da qual eu sou testemunha. A alegria de você estar intimamente ligada pelo amor ao conhecimento através da pessoa amada que está lhe transmitindo aquilo. Esse prazer de ler pra você. Essas alternativas as pessoas não procuram, aí ficam se queixando o tempo todo. Eu digo pros professores: “Se vocês acham ruim que os meninos vejam televisão... Vocês já discutiram televisão com eles? Vocês querem discutir uns livros que não têm graça nenhuma, que são inclusive muito mal escritos”. Porque a redação de livro didático no Brasil, 99 por cento é uma porcaria. Eles pegam qualquer borra-botas, que cobra uma besteira, e mandam escrever um livro didático. Com idéias erradas, com informações científicas erradas, uma péssima linguagem, e sobretudo com aquele maldito caderno do professor que tem tudo já decifrado, que o professor não pensa mais nada. Ele vai olhar no livro de exercício qual é o certo e o errado pra botar no caderno do aluno. Que foi uma coisa que eu sempre me recusei a fazer. E que muito professor tem raiva até que eu vou lá e converso: “Ah, mas é assim... Eu nunca tinha pensado nisso.” Pois é. A gente nunca pensa porque a gente nunca pensa. Todos nós, educadores profissionais ou não, a nossa tarefa nesse mundo é pensar e ajudar a pensar. Porque quando a gente aprende a pensar, a gente não precisa ter mais medo de nada. Há quantos milênios que eu vivo? Eu posso ser avô de todos vocês aqui. Então, eu já vi mais porcaria nesse mundo na televisão, no cinema ou na vida, do que qualquer um de vocês. No entanto, não me transformei numa criminosa, numa corrupta... Em coisa nenhuma disso. E, como eu, milhares, milhões de pessoas no mundo. O que é? Qual é a diferença. Então, é aí que a gente tem que estudar. O que é que tá faltando nas pessoas. A gente pensa muito que são os meios de comunicação que tão fazendo as pessoas serem isso ou aquilo.

Entrevista -- A formação adequada do professor é pré-requisito certo para a implementação de qualquer política educacional e soma-se a isso também uma remuneração justa. Então, como proporcionar essa formação aos nossos professores, mais especificamente, aos professores do meio rural, tão carentes quanto as nossas crianças, e como encarar e resolver o problema da baixa remuneração?

Luíza -- Bastava botar pessoas inteligentes na direção da educação. Pessoas inteligentes, sensíveis e competentes. E não é o que acontece.

Entrevista -- Essa história de pessoas competentes na direção da educação. Acho que a senhora já teve até oportunidade de ser uma dessas pessoas de direção, principalmente na época do Virgílio Távora. A senhora disse que foi muito amiga dele. Por que a senhora nunca assumiu esse tipo de cargo? E, mais ainda: se a senhora fosse governadora, se fosse secretária de educação, o que faria pra melhorar a educação no Ceará? Por onde começaria?

Luíza -- Começaria não aceitando cargo porque eu não sou administradora. Eu reconheço as minhas deficiências. Eu sou excelente assessora, entende? Eu sirvo muito pra dar treinamento a professor, mas eu sou profundamente indisciplinada, tenho horror à burocracia. E uma direção, quando eu digo competente, eu quero dizer competência também nesse sentido, de uma pessoa que aumente a carga burocrática inerente a esse tipo de coisa. Eu conheço professores maravilhosos que seriam um desastre e têm sido um desastre na direção das coisas.

“O que tá faltando em todas as áreas deste país, uma mudança na estrutura política... não apenas em palavras mas em atos.”

Eu seria uma. Porque existe uma série de coisas na direção da educação que impossibilitam, inviabilizam o trabalho de base, exatamente porque não faz bem o trabalho de administração. Mas quando existe um bom trabalho de administração...

Tai, não sou da política do Albuquerque (Antônio de Albuquerque, reitor da UFC), mas como secretário de Educação (de 1979 a 82, no governo Virgílio Távora) ele foi uma pessoa excelente, fez uma administração excelente. Possibilitou às pessoas que trabalhavam nas bases realizarem um trabalho muito bom, muito bom.

Entrevista -- Professora, o que tá faltando na Educação desse país?

Luíza -- Tá faltando uma... O que tá faltando em todas as áreas deste país. Está faltando um contexto político, entende? Uma mudança na estrutura política que, realmente, não apenas em palavras, mas em atos, viabilize as prioridades mais essenciais desse país. E isso nunca poderá ser feito de cima pra baixo. Porque nunca o poder vai dar prioridade a essas coisas. Isso só vai acontecer quando houver uma organização social em que realmente o povo, o povo organizado, o

“Acho dramático é que a gente passa os quatro anos na universidade, conversa sobre essas coisas e não se responsabiliza por elas.”

cidadão, possa ter voz no poder, entende? Só assim as necessidades fundamentais de povo brasileiro -- educação, saúde, cultura --, todas essas coisas poderão ser atendidas. Porque existe um fenômeno que eu espero que vocês... Eu não sei se eu desejo que vocês experimentem ou que não experimentem... Quando você ocupa um cargo num tipo de sociedade como essa, nessa sociedade capitalista, você simplesmente esquece todas essas coisas que você defende e discute quando tá aqui. Você pode até dizer as palavras, mas é tão fascinante ter os privilégios do poder e é tão envolvente e tão sufocante a máquina burocrática, entende? As desculpas que você encontra pra não ter a oportunidade de fazer as coisas, que dificilmente... Você diz o que você faria se fosse... Ninguém faz as coisas por ser presidente, por se governador, por ser prefeito, por ser secretário de Educação, não. A coisa tem que ser mudada é toda. Ninguém faz uma universidade botando o melhor dos reitores. Enquanto nós não nos

organizarmos, nós estudantes, nós professores, entende? Mas organizar mesmo, não é simplesmente a gente se corporativizar. Isso. Não é suficiente, pelo contrário. O corporativismo, ele isola. Ele sectariza. A gente tem que se transformar num organismo. É um trabalho gigantesco, mas é um trabalho possível, é um trabalho urgente. É a organização, essa é que é a tarefa do intelectual. É como ele vai contribuir para a organização do povo brasileiro. Pra ter a consciência -- que é uma palavra que tá muito sambada, mas que é o jeito dizer --, a consciência de cidadão. A consciência de que não é lá, o poder não é lá, não. O poder é aqui, agora. Tem que ser. E lá tem que estar a serviço da gente. Mas a gente bota lá e fica olhando pra cima. Nem que seja pra dar língua, pra fazer careta. Mas sempre olhando pra cima. Porque se bota lá em cima? As coisas tem que ser assim (de baixo para cima) e não assim (de cima para baixo). Então, é uma mudança social radical, não tem jeito. É possível, urgente, necessária, essa consciência tá crescendo. Agora, o que eu acho dramático é que a gente passa os quatro anos na universidade, conversa sobre essas coisas e não se responsabiliza de fato por elas. A gente se tranca aqui dentro e por isso fica. E olha, sabe porque é que eu tô botando essa responsabilidade sobre nós? Porque nós é que tivemos mais oportunidades de saber disso. Não é o pobre que tá lá trabalhando até 6 horas da tarde, que pega um ônibus pra voltar pra casa, e que no domingo vai se embrutecer com uma cachaca na praia, que vai pensar nisso, não. Somos nós que somos pagos por eles pra estar aqui. E, no entanto, qual é a nossa reivindicação pra fazer isso? Quando a gente reivindica comida no restaurante universitário ou quando aumentam as mensalidades ou alguma coisa assim. Mas realmente a gente fazer uma pressão forte pra Universidade quebrar os muros que existem entre ela e o povo, e estar realmente a serviço das pessoas, isso ainda não aconteceu. Como não acontece em nenhuma instituição. Ou em quase nenhuma.

Entrevista -- Qual a diferença entre o ensino da criança, do adolescente e do adulto?

Luíza -- Diferença em que sentido?

Entrevista -- O ensino é diferente, a metodologia, a forma...

Luíza -- É claro.

Entrevista -- Eu vou além, professora. Eu pergunto das diferenças ou

semelhanças de ensinar, por exemplo, ao menino pobre do interior do sertão e à senhora de sociedade do Instituto Equatorial? Quer dizer, a metodologia é a mesma?

Luíza -- Não.

Entrevista -- A gratificação é a mesma, a gratificação pessoal é a mesma?

Luíza -- Bom, em questão de gratificação pessoal, isso aí, pode ser. Porque eu já trabalhei com crianças, já trabalhei com adolescente, já trabalhei com adultos pobres, trabalho com adultos ricos, pelo menos classe média alta, trabalho com vocês da universidade, trabalho com jovens de bairros e, em termos de satisfação pessoal... O que é a minha satisfação pessoal como professora? É a possibilidade de ver dentro de um grupo algumas pessoas se iluminarem e começarem a perceber as coisas. Aquele brilho nos olhos que dá de dizer “Eu começo a saber quem eu

“O que é a minha satisfação pessoal como professora? É a possibilidade de ver dentro de um grupo algumas pessoas se iluminarem.”

sou, eu começo a saber o que eu quero”. Não o que eu, (Luíza), quero, mas o que ela, a (pessoa), quer. Isso pode acontecer tanto num lugar como no outro. Agora, os caminhos para chegar a isso evidentemente têm que respeitar as condições. Primeiro as condições biopsicológicas, né? Uma criança, ela tem características específicas da sua apreensão do universo que têm que ser respeitadas. Você não pode... Você pode até ensinar Filosofia a uma criança, sim, mas não da mesma maneira que você ensina para um adulto. Você tem que respeitar o modo de apreensão da realidade que ela tem. O adolescente tem outros tipos de motivações. Você não pode motivar um adolescente porque o processo de aprender é assim... O Piaget é que faz isso muito bem. Ele diz: nós temos três momentos da aprendizagem. A sincrise que é a nossa vivência no mundo, né? A análise que é quando você começa a isolar os elementos dessa vivência pra você poder fazer uma síntese, que é a tua imagem do



Luíza manifestou o desejo de ler o texto da entrevista antes de ser publicada.

É uma pessoa que considera que a tarefa do professor é pensar e ajudar a pensar.

Afinal, para ela, quando a pessoa aprende a pensar não precisa ter medo de nada.



Sinceridade, segurança e clareza são qualidades da professora quando fala sobre qualquer assunto.

Mas emoção é o que deixa transparecer quando o assunto é educação.

Inclusive a emoção ficou bem à vista quando Luíza falou sobre educação de adultos e crianças.

mundo -- que você faz a sua, eu faço a minha, ela faz a dela e nunca nós fazemos igual. Ora, nessa parte da análise do mundo entra uma série de intervenções, entra uma série de elementos, intervêm uma série de elementos. Você veja: entra a capacidade mental, né? O desenvolvimento

“Você tem que levar em conta é o detonador da vontade de aprender... Tem que limpar o terreno e renovar a esperança da pessoa.”

da razão, ele é progressivo, ele vai de acordo com a biologia do indivíduo. Então, existe um desenvolvimento da criança, um desenvolvimento do adolescente e um desenvolvimento do adulto. E no adulto depende também da... É diferente por exemplo, agora que eu estou lidando com pessoas mais idosas, que já têm outro tipo de possibilidade de percepção. Têm uma enorme carga de experiência, né? O que é muito bom, mas às vezes essa enorme carga de experiência é uma tralha, que você precisa dar uma limpada pra poder a pessoa ver-se brilhar. O que não acontece, por exemplo, no adolescente, que tá todo aberto pro mundo. Não tem essa experiência, pensa que tem, mas não tem, e então brilha mais rápido, tem isso. A condição social que é um problema real. É muito diferente uma criança do interior, que nunca viu o mar, como é que vai explicar o mar, uma coisa simples? Uma criança do Rio Grande do Sul que nunca viu uma jangada? Enfim, há uma série de coisas que você tem que levar em conta do meio cultural. Outra coisa que você tem que levar em conta é o detonador da vontade de aprender, que é a motivação. Cada grupo, senão cada pessoa, tem uma motivação diferente. Há pessoas que vão para a escola porque têm que ir. Então, você tem que fazer uma ginástica para descobrir como é que você vai fazer aquela pessoa gostar disso. Há pessoas que vão porque têm vontade de aprender determinadas coisas e foram constantemente frustradas nisso. Então, já têm uma série de decepções em relação a isso. Você tem que limpar o terreno e renovar a esperança da pessoa pra conseguir aprender. Essa é a grande dificuldade, por exemplo, do adulto. Num trabalho de

alfabetização de adultos eu encontrava muito isso. Eles todos já tinham tentado a escola algum dia, e não tinha servido pra nada. Eles estavam ali de novo, sei lá, “Vai, eu vou com as outras”, né? Você descobrir como é que vai fazer com que essa pessoa tenha esperança de novo é uma coisa muito mais difícil. Então, tudo isso entra nos esquemas de assimilação da pessoa. Até a tua relação pessoal, a empatia. Difícil você querer aprender uma coisa de uma pessoa que você odeie, que você antipatize, que lhe trate mal. Ou então que não lhe respeite. Porque há duas formas de não respeitar. Uma é oprimir, a outra é paparicar. Acho que também há uma certa pedagogia da paparicação, dar tudo nhêm-nhêm-nhêm, que é desrespeitoso e que a pessoa sente. Até a criança sente isso, que não está sendo solicitada pra crescer. Já tão dando tudo mastigado. Quer dizer, essa área aí, dos esquemas de assimilação é que determina qual é a técnica que você vai utilizar pra transmitir o conhecimento. E sobretudo a consciência de que o conhecimento que você transmite vai ser apreendido da maneira que a pessoa pode e não da maneira que você quer. A gente não ensina, a gente ajuda a aprender. Essa é que é a diferença das didáticas, né?

Entrevista -- A vocação da inteligência continua sendo maravilhar-se com o mundo, professora?

Luíza -- Pra mim é. Pra mim e para todos os filósofos que eu consegui ler.

Entrevista -- As pessoas que trabalham na área de educação dizem que ensinar é um ato de dar e receber, né? Se pudesse resumir, qual foi a melhor lição que a senhora recebeu de seus alunos? Se tem algum caso, algum episódio interessante...

Luíza -- Acho que a lição principal é essa mesmo. Que a gente, quando a gente consegue criar momentos de amor, de alegria, juntos, a gente sempre cresce, sempre aprende, sempre facilita as coisas. Tem um episódio bonito, se você quer uma historinha... No tempo da ditadura, eu ensinava no Visconde do Rio Branco. Então, essa minha turma que foi ver o Genoíno, ela tava na 5ª série, né? E um dia eles começaram a escrever de lápis no caderno. E eu fui reclamar. “Diabo, vocês tão agora escrevendo de lápis, coisa mais chata. Dá trabalho da gente ler.” Aí eles disseram assim: “Sabe por que, Luíza?” -- Dona Luíza, eles me chamavam -- “Porque quando você sai da sala, tem gente” -- “Tem gente”, porque

graças a Deus eles não me disseram quem era. É, porque isso é uma grandeza. Veja bem os elementos de grandeza -- “tem gente que vem aqui ver o que é que a senhora fez a gente escrever. Então, assim que a senhora sai a gente apaga. Aí a gente não arranca a folha do caderno, que você sempre disse que a gente devia respeitar o dinheiro dos nossos pais, e a gente também não bota você em perigo”. Eles eram meninos de 12 anos. Pode perguntar, um deles é o Kennedy (*Moura*), hoje é professor daqui (*UFC*), é a turma dele. Quer dizer, você veja o que é que significa isso. Significa primeiro a consciência crítica, consciência clara do mundo que eles estavam vivendo. Segundo, solidariedade, profunda solidariedade, com risco -- que eles corriam riscos, eles sabiam disso, né? Terceiro, respeito. Por respeito a eles, a mim, e aos outros, eles não delataram ninguém. Eles contaram uma situação, não fizeram uma delação. E quarto, uma coisa muito importante, que é a astúcia. Você tem que ter astúcia pra viver. Se você não souber se mexer no mundo, se virar, você muitas vezes estraga um propósito magnífico. Simplesmente porque lhe falta astúcia que você tem que ter. É uma luta de guerrilha. Você não pode entrar no mundo assim como se você fosse o dono da bola, né? Aprende como nas artes marciais. A briga é uma coisa, luta é outra. Briga é força contra força. A briga é burra. Porque sempre o mais forte te destrói. Você só entra numa briga se você tiver certeza de que é o mais forte. Agora numa luta você pode até ser mais fraco. Mas você aproveita a força do adversário. É a técnica da capoeira, é a técnica do aikidô, é a técnica de qualquer luta marcial. Então, isso é

“ Eu acho que a vida é um sonho de todo dia. Parece frase literária (risos), mas é verdade. É bom cada dia, sabe? ”

necessário pra viver. E num simples ato desses essas crianças demonstraram isso. Por quê? Porque me amavam. E por que me amavam? Porque eu tinha amor por elas. Então amor é uma coisa que não sai de moda, não.

Entrevista -- Professora Luiza Teodoro, pra gente encerrar a nossa entrevista...

Luiza -- Eu não sei o que vocês vão escrever com essas besteiras (risos).

Entrevista -- Exatamente o que a senhora falou...

Entrevista -- Eu gostaria de saber se a senhora tem um projeto maior, tem um projeto de vida, de poder dar essa lição, de poder mostrar essa lição.

Luiza -- Tipo o quê?

Entrevista -- Tipo um livro, tipo expor o seu trabalho na imprensa. Nós ficamos aqui até um pouco surpreendidos quando a gente ouvia falar da professora Luiza Teodoro, porque é um trabalho que poucas pessoas conhecem. Então, seria uma maneira de levar, através da imprensa...

Luiza -- Você pensa. Muita gente conhece. As pessoas que valem a pena conhecem (risos). Não vou escrever não, sou muito preguiçosa.

Entrevista -- Será que tem algum sonho, mais algum projeto?

Luiza -- (Silêncio) Não. Eu acho que a vida é um sonho de todo dia. Parece frase literária (risos), mas é verdade. É bom cada dia, sabe? Ai, de repente, quando as coisas acontecem é bom. Eu adoro coisas e, sempre que tem acontecido, viajar. Essa de você dizer "espalhar pelo Brasil", meu Deus do céu, eu tenho andado tanto por esse país, eu tenho falado tanto. Eu sou mais oral, tenho falado tanto e, se for preciso, me chamam de novo.



Ao final da entrevista, Luiza acenou com uma lição: é preciso astúcia para viver.